

ROBERTO SCHWARZ EM VERSO E PROSA: CONFLUÊNCIAS ENTRE *CORAÇÕES VETERANOS* E “AS IDEIAS FORA DO LUGAR”

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p332-348>

Leandro Pasini

RESUMO

Este texto estuda a inter-relação entre a produção poética e a escrita do ensaio de Roberto Schwarz nos anos 1970. Mais especificamente, a ênfase incide sobre as confluências entre os poemas do livro *Corações veteranos* (1974) — bem como aqueles que Schwarz publicou na antologia *26 poetas hoje* (1976) — e o ensaio “As ideias fora do lugar” (1973 na revista *Estudos Cebrap*; 1977 no livro *Ao vencedor as batatas*). Em uma dinâmica de tensões e iluminações recíprocas, poesia e ensaio montam um campo de forças original, cujo resultado ensaístico se tornou um marco na cultura brasileira, enquanto o poético ficou em segundo plano. Pensados em conjunto, eles iluminam a um só tempo o *tour de force* estético de Schwarz e a sua posição contraditória diante de uma de suas principais fontes literárias, o modernismo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Schwarz; ensaio; poesia; *Corações veteranos*; As ideias fora do lugar.

ABSTRACT

This text examines the interrelation between poetic production and essay writing in the work of Roberto Schwarz during the 1970s. More specifically, it focuses on the confluences between the poems in the book *Corações veteranos* (1974) — as well as those Schwarz published in the anthology *26 poetas hoje* (1976) — and the essay “ Misplaced Ideas” (first published in 1973 in the journal *Estudos Cebrap*, and later in the 1977 book *To the Victor, the Potatoes*). In a dynamic of mutual tensions and illuminations, poetry and essay establish an original field of forces, whose essayistic result became a landmark in Brazilian culture, while the poetic aspect remained in the background. Considered together, they simultaneously shed light on Schwarz’s aesthetic tour de force and his contradictory stance toward one of his main literary sources, Brazilian modernism.

KEYWORDS: Roberto Schwarz; essay; poetry; *Corações veteranos*; Misplaced ideas.

Não é exagero afirmar que parte significativa da obra de Roberto Schwarz entrou na corrente sanguínea da cultura brasileira. O lugar das ideias no século XIX, a posição do narrador machadiano, a própria dimensão política de Machado de Assis e a conexão entre o golpe de 1964 e o liberal-escravismo do século XIX como elemento definidor da ideia de Brasil são alguns dos temas em que a assinatura schwarziana está presente, a despeito da posição que se tome sobre estes. Esse eixo de questões tem extrapolado o contexto em que intervém mais diretamente — o nacional — e chamado a atenção de teóricos e críticos de orientação marxista em âmbito internacional. Isso ficou demonstrado pela publicação, em fim de 2024, de *Roberto Schwarz and world literature*, organizado por Thomas Waller.¹ Em seu texto introdutório, o organizador cita algumas avaliações da obra de Schwarz por intelectuais de primeira ordem: para Perry Anderson, trata-se do “melhor crítico dialético em qualquer lugar do mundo desde Adorno”; Fredric Jameson considera a análise da importação das ideias do centro na periferia algo extraordinário; Franco Moretti toma a análise do romance de José de Alencar como paradigma para o seu já clássico “Conjecturas sobre a literatura

¹ Waller, Thomas. (Org.). *Roberto Schwarz and World Literature*. Cham: Springer, 2024.

mundial”; Neil Larsen intitula o seu texto “Uma silenciosa revolução (brasileira) na Teoria Crítica” — silenciosa em termos globais, evidentemente.²

Em termos brasileiros, *Roberto Schwarz and world literature* reúne quatro gerações de críticos, com os nomes de Paulo Arantes, Maria Elisa Cevalco, Fabio Durão e Bruna Della Torre. A dialética presente nessa homenagem, contudo, é avançada por Fabio Durão: “É uma questão em aberto se Schwarz não se juntará em breve ao clube da monumentalidade inócua”.³ O que se pode perceber desde já é a dialética presente em todo autor que se torna um patrimônio coletivo: por um lado, algumas de suas ideias se tornam lugares-comuns tão reiterados quanto combatidos; por outro, além de graus diversos de exegese, começa-se a construção de um arquivo, em que se recolhem e divulgam correspondências e entrevistas; comparam-se primeiras e últimas edições de textos; buscam-se manuscritos; obras que receberam menos atenção são reeditadas e estudadas; há demanda por relatos memorialísticos etc. Embora a recolha desses materiais dependa da monumentalização, a heterogeneidade de que é composta guarda em si novas perspectivas de estudo que potencialmente renovam e dão novas configurações à figura que unifica e confere coerência ao arquivo. É nesse polo que este ensaio se insere. Ao aproximar a criação poética de *Corações veteranos* (1974) com a escrita ensaística de “As ideias fora do lugar” (primeira publicação em português em 1973), meu propósito aqui é investigar um momento em que postura irreverente, invenção formal, reelaboração da reflexão marxista sobre o Brasil, estudo sobre Machado de Assis, impregnação modernista e percepção das consequências do golpe de 1964 são tensionadas e recebem formulações diversas, porém confluentes, na poesia e no ensaio.

Macunaíma nos ajude

O primeiro poema de *Corações veteranos*, sem título, é o seguinte:

² Waller, Thomas. Roberto Schwarz and World Literature: An Introduction. In: Waller, Thomas. (Org.). *Roberto Schwarz and World Literature. cit.*, p. 1-2.

³ “It is an open question whether Schwarz may not before long join the club of innocuous monumentality” (Durão, Fabio. Schwarz’s Anatomy. In: Waller, Thomas. (Org.). *Roberto Schwarz and World Literature. cit.*, p. 30). Todas as traduções to texto são minhas.

o certo está torto
 o torto está certo
 o claro no bobo
 o bobo no esperto⁴

A quadrinha simples e direta, apontando o desajuste sistemático na ordem das coisas, poderia, a bem dizer, ter sido escrita por qualquer poeta da chamada geração “marginal”, entre 1967 e o fim dos anos 1970. Esse grau de generalidade, no entanto, ganha mais tração ao ser colocado ao lado da seguinte passagem de “As ideias fora do lugar”: “Em matéria de racionalidade, os papéis se embaralhavam e trocavam normalmente: a ciência era fantasia e moral, o obscurantismo era realismo e responsabilidade, a técnica não era prática, o altruísmo implantava a mais valia etc.”.⁵ O poema constrói uma espécie de desconcerto do mundo avacalhado, já o trecho do ensaio expõe parte da “comédia ideológica” do século XIX brasileiro. Ambos, porém, parecem se explicar mutuamente.⁶ Contemporâneas como são as publicações, os versos mostram o substrato provocador que Schwarz compartilha com a sua geração;⁷ a prosa, por sua vez, revela o intelectual com o olhar afiado para os desacertos entre a estrutura social e o encaixe torto das ideias. De outro ponto de vista, o “etc.” que fecha a frase de “As ideias fora do lugar” dá a ideia de amostragem de um problema cuja enumeração de exemplos poderia ir longe, enquanto o poema não é apenas breve, mas igualmente ordenado pela redondilha menor e pela rima perfeita entre o segundo e o quarto versos, que se

⁴ Schwarz, Roberto. *Corações veteranos*. Rio de Janeiro: Frenesi, 1974. As páginas não são numeradas.

⁵ Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2000, p. 15.

⁶ A afinidade entre a prática poética e a forma do ensaio em Roberto Schwarz foi notada de passagem por Ricardo Musse (Musse, Ricardo. O sequestro da poesia de Roberto Schwarz. *a terra é redonda*. 27/05/2022. https://aterraeredonda.com.br/o-sequestro-da-poesia-de-roberto-schwarz/#_ednref1. Acesso em 08 mar. 2025. Publicado originalmente no jornal *Folha de S. Paulo*, em 30 de julho de 2017). Musse acrescenta ainda que Schwarz nunca oculta sua produção poética quando traz a lista de suas obras.

⁷ Comentando o contexto de produção de *A lata de lixo da história*, por ocasião de sua segunda edição, Schwarz assim descreve o trabalho coletivo de que fazia parte: “De diferentes maneiras, com margem para antagonismos inconciliáveis, a arte de Glauber Rocha, Augusto Boal, Zé Celso, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Joaquim Pedro de Andrade e outros — sem esquecer as antecipações de Oswald de Andrade — se alimentou dessa redefinição vertiginosa, que fez a ponte entre a nossa realidade segregada, ou exótica, e o movimento geral da sociedade contemporânea, num lance forte de desalienação. A seu modo e com alguma supervisão de Brecht, *A lata de lixo da história* ligava-se a este quadro” (Schwarz, Roberto. *A lata de lixo da História*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 4).

contrapõe à rima toante aproximada entre o primeiro e o terceiro: -orto/obo, além da estrutura de paralelos e paronomásias.

Note-se, então, a lógica da confluência: na ordenação do sentido, “o certo está torto” é genérico e quase anônimo em comparação com a especificidade arguta da frase selecionada do ensaio, já em sua dimensão formal, a agilidade da frase se afrouxa pela sua natureza de enumeração parcial em contraste com o rigor subjacente dos versos. Em diagrama, estamos diante da possibilidade de compreender a um tempo a especificidade do verso e da prosa do Schwarz como modalidades complementares de compor a originalidade formal da sua escrita. Junto dessa hipótese, outra se insinua: a de que as formas poéticas impregnadas de modernismo dos anos 1970 dão gume para a formulação de uma escrita adequada para o estudo crítico da vida mental brasileira do século XIX.

Corações veteranos é um livro de poemas que Schwarz entregou, em Paris, para Francisco Alvim que, por sua vez, o entregou a Cacaso. Este o publicou pelas edições Frenesi e o lançou junto com uma coleção de quatro outros livros, em outubro de 1974, na livraria Cobra Norato, no Rio de Janeiro.⁸ De passagem, registre-se que o próprio nome da livraria faz parte do clima estético do período. Descrito pelo próprio autor como um “subproduto’ de sua vida intelectual”,⁹ *Coração veteranos* constitui, a princípio, um desprezioso caderno de exercícios poéticos sobre o Brasil pós-golpe visto do exílio. Por meio de uma leitura mais atenta, porém, verifica-se aí um tipo de acumulação de recursos expressivos que se afiam e são transpostos para o ensaio crítico. Observa-se, além disso, a circunscrição de uma série de desencaixes sócio-históricos, por vezes com as vozes dos atores sociais mimetizadas, às vezes com tensão psicológica (medo, excitação, contradições diversas), vazados na linguagem irreverente do modernismo retomado pela poesia “marginal” dos anos 1960 e 1970. Nesta, o cotidiano e a linguagem coloquial podem elaborar e expressar tanto o fato aparentemente banal quanto os grandes dilemas históricos (em chave satírica e/ou local), com uma gama de recursos que dispõe tanto do sarcasmo quanto do lirismo.

⁸ Soares, Débora Racy. Frenesi: 5 poetas, 1 coleção. Impressões de leitura. *Revista Crioula*, 6, s/n, 2009. Os outros livros são: *Grupo escolar*, de Cacaso; *Passatempo*, de Francisco Alvim; *Motor*, de João Carlos Pádua; e *Na busca do Sete-Estrela*, Geraldo Eduardo Carneiro.

⁹ Pereira, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época*. Poesia marginal. Anos 70. Rio de Janeiro: Funarte, 1980, p. 156.

Em conjunto, os poemas se ambientam em um quadro de derrota histórica e desorientação intelectual da esquerda brasileira. Os estados alternados de melancolia, ferocidade, distanciamento, confusão mental, libido exaltada e construção de personas em geral rebaixadas — sempre enquadrados ou refratados na matéria brasileira — atravessam as páginas do livro.¹⁰ Estamos em um momento que difere da expectativa que ainda se lê em “Cultura e política, 1964-1969”: “calado à força, o país está igual, onde Goulart o deixara, agitado como nunca”.¹¹ Constatada a perda, a revisão do significado geral da história do País se conjuga com a busca dos recursos estéticos adequados à sua formalização. Trata-se de um momento em que a ausência de certezas propicia um curto-circuito estético em que oposições passadas e futuras ficam em suspenso, dando vazão à coexistência de realismo, modernismo, tropicalismo, Lukács, Brecht, Adorno e Benjamin. Assim, o tema da desordem do mundo, exposto de modo sintético em “o certo está torto”, aparece reiteradamente sob o signo da confusão mental. Sem possibilidade de desenvolver em detalhe, cito como exemplo “Meu caro”, “Uns que falavam grosso...”, “Informe” e “Edgard...”, com destaque para “O Armando é uma Boa Cabeça”, a última das 12 “Canções do Exílio”, que fecha com os versos: “Minha cuca está fundida/Caralho”.

Em chave melancólica, os recursos estéticos em aberto no quadro de uma esquerda nacional culturalmente heterogênea unida no exílio está presente em “Emigração 71”, poema que não consta de *Corações veteranos* e, sim, da antologia *26 poetas novos*, publicada dois anos depois, em 1976:

A mulher de um marinheiro trucidado conta ao pai de uma menina presa, aguardando julgamento, a depressão nervosa de um amigo comum, deputado federal, que agora vive no Chile. Será que o Allende vai dar certo... As chicrinhas vão pela sala, de mão em mão, há uma bandeja de bolo e outra de doce de leite. Lá fora, imensa e silenciosa, a dança fantástica do outono incendeia a tarde fria. O garoto

¹⁰ “...o livro parecia mais vocacionado a radiografar a natureza lenta e prosaica da implosão que a vida nacional, encarnada em ‘sujeitos’, vinha conhecendo em todas as dimensões” (Ab’Saber, Tales. A literatura de Roberto Schwarz: sujeitos e capitalismo. *Cult.* 20 abr. 2022. <https://revistacult.uol.com.br/home/literatura-de-roberto-schwarz-sujeitos-e-capitalismo/>. Acesso em 08 mar. 2025).

¹¹ Schwarz, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 90.

brincando no tapete já nasceu em Paris. Aqui e ali o murmúrio é interrompido por uma expressão mais nortista. Um menino loiro, que participou no rapto dalgum embaixador, pede açúcar para pôr no chá. Na vitrola Caetano canta a sua versão de Asa Branca. Todos ficam quietos.¹²

Desorientada e derrotada, uma parcela da esquerda brasileira figura nesse poema em prosa envolta em uma névoa de melancolia e conforto, amparada pelos deslocamentos montados pelo poeta. A memória da violência nas duas primeiras frases é cortada pelas “chicrinhas”, cujo diminutivo abranda a cena e a linguagem. Refletida na paisagem, distância e silêncio, frio e ardor em um clima de outono reiteram o tom de convalescência. Em uma mesma casa, o tempo do exílio está na imagem da criança que brinca, sotaques diferentes são percebidos, um guerrilheiro toma chá com açúcar e mesmo um intelectual marxista aguerrido pode se comover com na letra nacional-popular de “Asa Branca” cantada por um tropicalista.

Dentre os temas constantes de *Corações veteranos*, vou expor brevemente dois — o tema da libido e da imersão psicológica — e desdobrar um pouco mais um terceiro, da relação de Schwarz com a poesia modernista. De modo distanciado, em que posições sociais compõem o jogo erótico, o desejo sexual está, por exemplo, em “Vida nova”, no qual, o amor cortês de Dante por Beatriz é rebaixado ao comportamento persecutório de um gerente de empresa casado. Os jogos eróticos no interior da sociabilidade de esquerda aparecem em “Já já” e “Oropa”, além de “Utopia”, brinde de *Corações veteranos*, posteriormente reproduzido em *Pai de família e outros ensaios*. Mais próximos da expressão imediata do desejo do sujeito lírico estão este poema curto, a nona das “Canções do exílio”, chamada “Visão”: “E depois/só nós dois/feijão co’arróis”, que se afigura um bem-humorado haikai pós-coito; e “Primavera”, cujo verso final captura o desabrochar da natureza e dos sentidos na chave de ouro: “O poeta ri porque está de pau duro”. O percurso que vai da mimese de comportamentos sociais a uma expressão mais visceral e direta é verificado em poemas de introspecção psicológica. Em “Fantasia”, uma voz

¹² Hollanda, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007, p. 92. Os poemas de *26 poetas hoje* que não estão em *Corações veteranos* são: “Macunaíma nos ajude”, “Conto de fadas”, “Um reputado economista...”, “Emigração 71”.

desencarnada descreve as movimentações sociais e afetivas em torno de seu corpo morto, algo não muito distante do que ocorre com Brás Cubas. Os efeitos psicológicos de livrar-se de uma situação de violência (prisão? interrogatório? surra? tortura?) recebem uma expressão feroz em “Não olhe para trás”, como se lê nos versos finais: “caiu de quatro, como/um cavalo machucado/como um filho da puta/como água usada”. A demanda de limpar-se diante de um contexto repulsivo é aguda no poema em prosa “Inoxidável”, cuja primeira frase: “Escovou os dentes até que sangrassem” dá o tom de agressividade e automutilação de que é composto.

A relação com a poesia modernista, que *Corações veteranos* compartilha com a sua geração de Frenesi e também de Nuvem Cigana, apresenta-se de modo variado. Para além da recorrência do poema-piada, há tons penumbristas em “Convalescência”; o poema “O apartamento está ensolarado...” retoma “O martelo”, de Manuel Bandeira; a décima das “Canções do exílio”, “Vejo num globo terrestre...”, tem algo da secura pungente da poesia de Drummond, cujo fetiche presente no poema “Desdobramento de Adalgisa” — “os homens preferem duas” — tem uma versão criminosa e pequeno-burguesa em “Sr.”; e a poesia de Oswald é contraponto para os poemas “Passeio” e “Prflx”, bem como inspiração geral para a poética dessa geração. Por fim, a relação com Mário de Andrade é contraditória, pois, em “Desocupado”, Schwarz ironiza o poema “Manhã”, enquanto nos versos publicados em *26 poetas hoje*, lemos um explícito “Macunaíma nos ajude”, que reproduzo:

Barriga de minha perna
onde estás?
na barriga do gorila

Dedos de minha mão
onde estão?
na barriga do gorila

Lobos de minha orelha
onde estais?
na barriga do gorila

Cabeça do meu pau?
na barriga do gorila

Meu alegre coração
onde estás?
na barriga do gorila

Os versos recuperam o Capítulo II do romance, precisamente o episódio do Currupira, que corta um pedaço da própria perna e dá para o herói comer. Trata-se de uma armadilha, pois o Currupira queria pegar Macunaíma desprevenido para comê-lo. Encurtando o enredo, o Currupira consegue saber onde Macunaíma está ao invocar: “Carne de minha perna! carne de minha perna!”, e a carne responde de dentro da barriga do herói: “Que foi?”. Macunaíma, por fim, bebe água de lama, vomita a carne e se safá. É a esse tipo de astúcia que o poema parece apelar. Vejam-se, contudo, as inversões. É o sujeito lírico que tem seu corpo mutilado e demanda pela sua localização. A escolha do gorila faz uma ponte entre o universo das fábulas míticas, de que *Macunaíma* está cheio, e os modos mais populares de se referir à brutalidade policial. Como um guloso comedor de gente, o gorila e sua barriga constituem o refrão que mostra gradualmente o despedaçamento do eu poético. Da “barriga da perna”, que faz a conexão com o romance, segue-se para: mão, orelha, pau e coração. A estrutura de três versos só é quebrada no dístico do penúltimo verso, o da “cabeça do meu pau”, realçando, mais uma vez, a centralidade da libido na poética de Schwarz. Ainda um ponto de contato entre poema e romance é o fato de o gorila comer partes do corpo que se relacionam com os órgãos sensoriais, ou seja, não tem interesse pela cabeça que guarda o cérebro, o que remete implicitamente ao gesto do herói de ter largado a sua consciência na ilha de Marapatá.

De outro ponto de vista, agora mais schwarziano, a violência da repressão é capaz de atingir o corpo de seus opositores, mas não a sua capacidade intelectual, que se mostrou mais viva e muito superior à de seus algozes. Disso dá testemunho a força de seu ensaio — sua principal arma de oposição à ditadura e as

consequências desta na história brasileira. Conjugando inteligência e um visível elemento de prazer na originalidade de sua escrita, o ensaio de Schwarz recompõe o seu corpo simbólico, ao unir inteligência, libido da escrita e alegria das descobertas críticas e suas formulações decisivas. Mais uma vez, observa-se aqui a relação ambivalente de Schwarz com o modernismo brasileiro. Para além da denúncia presente nos versos, há um universo figurativo mais implícito no poema. Simbolicamente, então, e pensando no tom sombrio do título “corações veteranos”, podemos dizer que, após ter conjurado e ter sido ajudado por Macunaíma, isto é, ter transposto seu “alegre coração” da barriga do gorila para a vivacidade da forma do ensaio, Schwarz exorciza “o herói de nossa gente” junto com Mário, Oswald e todos os demais companheiros modernistas em um rigoroso ritual marxista, chamado “O bonde, a carroça e o poeta modernista”. O sucesso de suas fórmulas foi tamanho que, correndo o risco de generalizar indevidamente, é frequente que o aparecimento em textos críticos dos nomes Schwarz, Oswald e/ou modernismo tenham o mesmo funcionamento da sequência Benjamin-Baudelaire e/ou flâneur. Em ambos os casos, o resultado é muito previsível e costuma operar mais como um gesto de conformidade crítica do que como um elemento de reflexão.

Passando, em seguida, para a verificação da relação entre criação de fundo modernista e a forma de “As ideias fora do lugar”, busca-se aqui contribuir para que se desfça o automatismo entre o modernismo brasileiro e a sua interpretação em “O bonde, a carroça e o poeta modernista”.

O tic-tac das ideias e seus lugares

Em 1972, Schwarz publica, em Paris, no número 26 da revista *L'Homme et la société*, um texto chamado: “Dépendance nationale, déplacement d'idéologies, littérature: sur la culture brésilienne au XIXème siècle”.¹³ No ano seguinte, no número 3 dos *Estudos Cebrap*, o mesmo texto aparece com o título “As ideias fora de lugar”. Por último, esse ensaio abre, em 1977, o livro *Ao vencedor as batatas* e, de

¹³ Schwarz, Roberto. Dépendance nationale, déplacement d'idéologies, littérature: sur la culture brésilienne au XIXème siècle. *L'Homme et la société*, 26, 1972, 99-110. Traduzido por Anne-Marie Métailié

um modo geral, os estudos de Schwarz sobre Machado de Assis.¹⁴ É marcante o salto qualitativo do nome do ensaio em português em comparação com o academicamente descritivo: “Dependência nacional, deslocamento de ideologias: sobre a cultura brasileira no século XIX”. Na comparação, o título “As ideias fora do lugar” guarda semelhança com a fórmula sintética e provocadora dos modernistas. Não é exagero dizer que parte do sucesso do texto se deva ao achado luminoso e irreverente do título, que ao mesmo tempo encanta e induz a confusões. Esse acerto estético, portanto, não está distante do uso desabusado da linguagem em *Corações veteranos*.

Não custa lembrar que estamos aqui falando do “mais amplamente lido” de seus ensaios¹⁵ ou, em outra formulação: “uma das mais duradouras e penetrantes fórmulas críticas produzidas no Brasil desde sempre”.¹⁶ Nesse sentido, esse estudo tão abrangente quanto conciso do funcionamento das ideias europeias no Brasil liberal-escravista, bem como as suas implicações para a forma literária do romance, tem o seu impacto crítico potencializado pelas soluções formais com que se apresenta. Nesse contexto, a partir da análise de alguns trechos do ensaio, buscarei demonstrar o quanto o seu elemento estético é parte essencial de sua força argumentativa.

Leia-se este trecho: “Envergonhando a uns, irritando a outros, que insistem na sua hipocrisia, estas ideias [do liberalismo europeu] — em que gregos e troianos não reconhecem o Brasil— são referências para todos”.¹⁷ De modo conciso, a frase une o olhar interno dos protagonistas (envergonhados ou irritados) e o olhar distante, que percebe a generalidade das ideias em questão. O tom de rebaixamento, de “comédia ideológica”, porém, está na expressão entre dois travessões: “em que gregos e troianos não reconhecem o Brasil”. Seu componente de irreverência potencializa o conhecimento da contradição exposta. A expressão escrachada que a poesia dos anos 1960/1970 herdou do modernismo e que Schwarz usa em *Corações veteranos* ressurgiu aqui como meio de conhecimento.

¹⁴ Encontrei a cronologia das publicações em Fischer, Luís Augusto. Ideias fora de qual lugar? Estudo sobre algumas possibilidades de extrapolação da tese de Roberto Schwarz para outros tempos e espaços, *ArtCultura*, 23(42), 2021, 209-224, p. 212.

¹⁵ Waller, Thomas. Roberto Schwarz and World Literature, *cit.*, p. 12.

¹⁶ Fischer, Luís Augusto. Fischer, Luís Augusto. Ideias fora de qual lugar? *cit.*, p. 210.

¹⁷ Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, *cit.*, p. 12. Todas as citações do ensaio são dessa referência.

Afinal, o que impediria que a leitura marxista do século XIX brasileiro centrado em Machado de Assis se tornasse só mais um capítulo das ideias fora do lugar? Engendrada na mesma Europa de onde vieram as ideias liberais, o que salvaria o capítulo marxista de ter o mesmo destino daquelas? É justamente aqui que, para atinar com o olhar afiado de Machado de Assis quanto a esses desajustes, o crítico precisou da ajuda de um outro, o modernista, cujo arsenal linguístico e literário para lidar com a matéria brasileira dava acesso aos meandros da vida nacional, absorvidos em sua originalidade com os mais diversos fins. O humor faz, assim, a adequação da reflexão ao contexto, criando uma escrita dialética capaz de captar tanto o rebaixamento quanto a universalidade da conjuntura brasileira, livrando-se do destino de ser só mais uma ideia estrangeira em sentido impróprio.

Mais diretamente oswaldiano é o trecho que começa: “O quiproquó das ideias não podia ser maior” e segue “São inúteis como um berloque? São brilhantes como uma comenda? Serão a nossa panacea? Envergonham-nos diante do mundo?” (p. 19). Já utilizado em “Cultura e política, 1964-1969”,¹⁸ a sequência de perguntas disparatadas que captam a bestice nacional remonta ao poema “escola berlites”, no qual Oswald de Andrade contrapõe os mundos a serem descobertos a partir de novas línguas com as perguntas retrógradas do livro didático: “É formoso o pavão?/De que cor é o senhor Seixas?/Senhor Lázaro traga-me tinta/Qual é a primeira letra do alfabeto?”.¹⁹ A elevação de quiprocós desse tipo à estatura da história mundial do século XIX, de que o Brasil se transformava em elemento de revelação na leitura de Schwarz é um momento incomparável na história da vida intelectual brasileira e do marxismo internacional.

A componente modernista desse processo, entretanto, vai ser de certo modo descartada como afetação da superestrutura em um dos trechos paradigmáticos de “As ideias fora do lugar”: “um latifúndio pouco modificado viu passarem as maneiras barroca, neoclássica, romântica, naturalista, modernista e outras, que na Europa acompanharam e refletiram transformações imensas na ordem social” (p. 25). Em seu sopro trans-histórico e sua pertinência materialista, unindo síntese desconcertante e interpretação do Brasil, a frase se afigura um amálgama de

¹⁸ Analisei esse uso em Pasini, Leandro. A forma do ensaio de Roberto Schwarz: acumulação crítica e o fio solto do modernismo brasileiro. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 120, p. 315-333, maio/ago. 2021, p. 324-325.

¹⁹ Andrade, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 60-61.

formação intelectual transdisciplinar e a sem-cerimônia das generalidades cortantes de um manifesto de vanguarda. Com um brilho próprio, esse trecho possui a lógica do fragmento no interior da forma do ensaio. O interesse do raciocínio pode ser exemplificado pela comparação com o “Manifesto dos Panteras Dalit”, publicado em 1973, ou seja, rigorosamente contemporâneo à versão em português de “As ideias fora do lugar”. De um ponto de vista de casta e de classe, os intelectuais da base da sociedade indiana afirmavam, quase trinta anos depois da independência formal do país: “O governo feudal hindu pode ser cem vezes mais cruel hoje na opressão dos dalit do que foram os períodos muçulmano e britânico”.²⁰ Adaptando um pouco, um feudalismo pouco modificado (para pior) viu passarem as maneiras políticas dos hindus antigos, dos muçulmanos, dos britânicos e dos hindus modernos. A diferença é que a superestrutura do caso indiano é da organização política dos dominadores, e não dos estilos de época na literatura (que talvez estejam implícitos). Lembrando também que, em poesia, os Panteras Dalit eram modernistas, assim como, de certa forma, Schwarz, diga-se de passagem.

O afastamento do modernismo como “maneira” intercambiável na superestrutura tem aqui o efeito de um curto-circuito entre forma e conteúdo. A resolução dessa contradição tem sido a seguinte: despido das “maneiras” estéticas, sobressai o conteúdo, tornando Roberto Schwarz sobretudo um intérprete do Brasil. O que raramente aparece é a sua dimensão de escritor, de um ensaísta cuja estética da própria escrita é parte indissociável de sua obra. Assim, a verdade da infraestrutura — do latifúndio pouco modificado — parece ter enfraquecido a verdade das formas literárias (com exceção do realismo machadiano, que é a base dessa mesma interpretação), incluindo aquelas que contribuíram para Schwarz ser o ensaísta que é. A permanência da infraestrutura e sua conversão em interpretação do Brasil, fortes como são, têm tido o efeito de mobilizar o Brasil como conceito em uma dimensão que prescinde da especificidade de cada um de seus momentos históricos, pois o que vale é a sua significação quase essencial, qual

²⁰ “The Hindu feudal rule can be a hundred times more ruthless today in oppressing the dalits than it was in the Muslim period or the British period” apud Satyanarayana, K.; Tharu, Susie. *The Exercise of Freedom: An Introduction to Dalit Writing*. New Delhi: Narayana Publishing, 2013, p. 56. No original marathi: ज्या दलिताना हिंदूसामंतशहि ने बांधले अहोता मुसलमान काळात, ब्रिटिश काळात जेवढे क्रूर नव्हती त्यापेक्षा शंभरपट्टीने ती आता दलितांच्या बाबत क्रूर होऊ शकते.

seja: a reposição permanente do avanço como atraso, desvendando, assim, as ilusões progressistas do capitalismo no centro pela lógica de sua realização na periferia.

Para finalizar este texto, gostaria de contrapor esse Brasil-conceito a algumas passagens de “As ideias fora do lugar”. A expressão “tic-tac” é repetida duas vezes no ensaio. Ambas unindo o tom informal da onomatopeia e o fôlego da relação do Brasil com o sistema-mundo: “O tic-tac das conversões e reconversões de liberalismo e favor é o efeito local e opaco de um mecanismo planetário” (p. 30) e “embora lidando com o modesto tic-tac de nosso dia a dia, e sentado à escrivaninha de um ponto qualquer do Brasil, o nosso romancista sempre teve como matéria, que ordena como pode, questões da história mundial” (p. 31). Ambas dão a ideia de movimento do estranho relógio histórico-literário global em que a literatura brasileira se insere. Ainda usando um diminutivo familiar, Schwarz faz uma das poucas menções a Machado de Assis no texto. Ao falar do “sistema de impropriedades”, ele acrescenta: “Exacerbando um nadinha, dará na força espantosa da visão de Machado de Assis” (p. 26-27).

Ler as confluências entre a poesia de *Coração veteranos* (e os poemas de *26 poetas hoje*) e a escrita do ensaio “As ideias fora do lugar” talvez seja exacerbar um nadinha, isto é, ver os pressupostos estéticos na escrita do próprio ensaio. Afinal, se ficarmos na verdade do Brasil-conceito, é o próprio tempo que se perde no movimento uniforme do avanço que repõe o atraso, e, com ele, não é mais possível escutar o tic-tac da história brasileira e de sua literatura.

BIBLIOGRAFIA

AB’SÁBER, Tales. A literatura de Roberto Schwarz: sujeitos e capitalismo. *Cult.* 20 abr. 2022. <https://revistacult.uol.com.br/home/literatura-de-roberto-schwarz-sujeitos-e-capitalismo/>. Acesso em 08 mar. 2025.

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

DURÃO, Fabio. Schwarz’s Anatomy. In: WALLER, Thomas. (Org.). *Roberto Schwarz and World Literature*. Cham: Springer, 2024.

FISCHER, Luís Augusto. Ideias fora de qual lugar? Estudo sobre algumas possibilidades de extrapolação da tese de Roberto Schwarz para outros tempos e espaços, *ArtCultura*, 23(42), 2021, 209-224.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

MUSSE, Ricardo. O sequestro da poesia de Roberto Schwarz. *a terra é redonda*. 27/05/2022. <https://aterraeredonda.com.br/o-sequestro-da-poesia-de-roberto-schwarz/# ednref1>. Acesso em 08 mar. 2025. Publicado originalmente no jornal *Folha de S. Paulo*, em 30 de julho de 2017.

PASINI, Leandro. A forma do ensaio de Roberto Schwarz: acumulação crítica e o fio solto do modernismo brasileiro. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 120, p. 315-333, maio/ago. 2021.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época*. Poesia marginal. Anos 70. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

SATYANARAYANA, K.; Tharu, Susie. *The Exercise of Freedom: An Introduction to Dalit Writing*. New Delhi: Narayana Publishing, 2013.

SCHWARZ, Roberto. *A lata de lixo da História*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Corações veteranos*. Rio de Janeiro: Frenesi, 1974.

SCHWARZ, Roberto. Dépendance nationale, déplacement d'idéologies, littérature: sur la culture brésilienne au XIXème siècle. *L'Homme et la société*, 26, 1972, 99-110. Traduzido por Anne-Marie Métaillé.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Soares, Débora Racy. Frenesi: 5 poetas, 1 coleção. Impressões de leitura. *Revista Crioula*, 6, s/n, 2009.

WALLER, Thomas. Roberto Schwarz and World Literature: An Introduction. In: WALLER, Thomas. (Org.). *Roberto Schwarz and World Literature*. Cham: Springer, 2024.

WALLER, Thomas. (Org.). *Roberto Schwarz and World Literature*. Cham: Springer, 2024.

Leandro Pasini é professor de literatura brasileira na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É autor de *A apreensão do desconcerto: subjetividade e nação na poesia de Mário de Andrade* (2013) e *Primas modernistas: a lógica dos grupos e o modernismo brasileiro* (2022). Organizou, em parceria, *Aberto para balanço: ensaios de revisão crítica do modernismo brasileiro* (2022).